

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

THEODORO PACHECO XAVIER

**A ARTE HÍBRIDA E SEQUENCIAL ALÉM DO TEXTO ENTRE OS
QUADRINHOS:**

Uma reflexão sobre quadrinhos em livros didáticos de língua inglesa

MARIANA

2025

THEODORO PACHECO XAVIER

**A ARTE HÍBRIDA E SEQUENCIAL ALÉM DO TEXTO ENTRE OS
QUADRINHOS:**

Uma reflexão sobre quadrinhos em livros didáticos de língua inglesa

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Inglês do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Prof.^a Orientadora: Dra. Jhuliane Evelyn da Silva

MARIANA

2025



FOLHA DE APROVAÇÃO

Theodoro Pacheco Xavier

**A arte híbrida e sequencial além do texto entre os quadrinhos:
uma reflexão sobre quadrinhos em livros didáticos de língua inglesa**

Monografia apresentada ao Curso de Letras - Inglês da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês.

Aprovada em 07 de março de 2025.

Membros da banca

Professora Dra. Jhuliane Evelyn da Silva - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Professor Dr. Fernando Silvério de Lima - Universidade Federal de Ouro Preto

A Profa. Dra. Jhuliane Evelyn da Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 17/03/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Jhuliane Evelyn da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/03/2025, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0875923** e o código CRC **A0FDD71C**.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Jhuliane, pelo carinho e paciência, e orientações na escrita deste texto, e por ter sido um exemplo de professora, pesquisadora e pessoa durante todos os trabalhos que desenvolvemos juntos.

Ao Prof. Dr. Fernando por sua avaliação e sugestões como parte da banca avaliadora deste trabalho, e por ter sido uma ótima recepção no meu primeiro período e referência durante a graduação.

Aos professores do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto por gerarem as experiências de aprendizado mais incríveis que já tive.

À minha mãe, Juliana, por todo o incentivo e amor que recebi para trilhar este caminho.

Aos meus amigos, João Gabriel, Gilson, e Guilherme, e à minha namorada, Emilly, por estarem sempre ao meu lado, e proverem o descanso e diversão nos momentos em que precisei.

Aos meus colegas e amigos da faculdade, Mariana, Gleisla, Iara e Iury, por estarem sempre próximos e fazerem a minha experiência na graduação melhor do que eu poderia imaginar.

A todos os autores, roteiristas, desenhistas, teóricos e influenciadores de quadrinhos que li e ouvi nesses anos por me inspirarem e me instigarem a refletir e estudar sobre minha paixão.

Ao Homem Aranha, por ter sido o ponto de partida e o maior alicerce do meu amor pelos quadrinhos.

A mim mesmo, por ter chegado até aqui e continuar trilhando essa jornada.

RESUMO

Quadrinhos são definidos como um tipo de mídia caracterizada pelo hibridismo e sequencialidade (Eisner, 1990; McLoud, 1993). Frequentemente eles surgem em atividades de livros didáticos do eixo das linguagens, mas com suas possibilidades multimodais sub-utilizadas (Cani, 2019; Menezes; Andrade, 2016). Expandindo o olhar a estes materiais, este estudo buscou fazer uma observação qualitativa sobre essas aparições em cinco livros didáticos de língua inglesa do sexto ano do ensino fundamental até o ensino médio a fim de verificar o trato que estes quadrinhos recebem. Ao comparar os dados gerados com a teoria dos quadrinhos elaborada por Eisner e McLoud, é possível apontar uma subutilização dos elementos próprios e basais dos quadrinhos, proveniente de uma subvalorização da mídia devido a uma estigmatização etarista e elitista que, de forma geral, limita as suas possibilidades no ensino ao usar os quadrinhos como ferramentas externas a seu status como forma de arte e objeto de estudo digno e especializado.

Palavras-chave: Quadrinhos, Multimodalidade, Ensino de Língua Inglesa, Arte sequencial.

ABSTRACT

Comics are defined as a kind of media characterized by hybridism and sequentiality (Eisner, 1990; McCloud, 1993). Frequently they show up in activities from language teaching didactic books, but with their multimodal possibilities sub-utilized (Cani, 2019; Menezes; Andrade, 2016). Expanding the look on these materials, this study aimed at a qualitative observation of such apparitions through five didactic books of english language from the sixth year of elementary school up until highschool in order to verify the treatments such comics receive. When comparing the generated data with comics theory elaborated by Eisner and McCloud, it is possible to pinpoint a sub-utilization of the basal and unique elements of comics, originating from a under-valuation of the media due to an ageist and elitist stigmatization which in general limits the possibilities of teaching by using comics as tools external to their own status as an art form and a worthy and specialized object of study.

Keywords: Comics, Multimodality, English language teaching, Sequential Art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de tempo e semiose visual.....	17
Figura 2 - Definição de Quadrinhos de Scott McCloud.....	19
Quadro 1 - Quadro de objetivos e métodos.....	22
Quadro 2 - Exemplo da tabela de resultados.....	23
Quadro 3 - Correspondência de uso didático com eixos da BNCC.....	23
Gráfico 1 - Quantidade de quadrinhos por Livro Didático.....	26
Gráfico 2 - Porcentagem de Uso Didático dos quadrinhos.....	26
Gráfico 3 - Porcentagem de eixos da BNCC nas atividades.....	27
Figura 3 - Exemplo 1.....	29
Figura 4 - Exemplo 2.....	30
Figura 5 - Exemplo 3.....	31
Figura 6 - Exemplo 4.....	32
Figura 7 - Exemplo 5.....	34
Figura 8 - Exemplo 6.....	34
Figura 9 - Exemplo 7.....	34
Figura 10 - Exemplo 8.....	34

SUMÁRIO

Introdução	8
1 Os quadrinhos nos livros didáticos e nas pesquisas: uma revisão de literatura	10
2 Referencial Teórico	12
2.1 O gênero quadrinhos de acordo com a BNCC e com os Multiletramentos	12
2.2 A teoria dos quadrinhos segundo Eisner e McLoud	13
3 Metodologia	20
4 Resultados	22
5 Discussão dos Resultados	25
Referências	34

**A arte híbrida e sequencial além do texto entre os quadrinhos:
Uma reflexão sobre quadrinhos em livros didáticos de língua inglesa**

Theodoro Pacheco Xavier¹

Jhuliane Evelyn da Silva²

Introdução

Os quadrinhos têm sido um fenômeno peculiar na cultura pop desde os anos 1930, apresentando um considerável crescimento em influência e relevância ao longo das últimas décadas. Para além de HQs³ de super-heróis como Homem-Aranha, Vingadores, *Batman* e Super-Homem, personagens da Marvel e da DC, os quadrinhos podem apresentar-se em diferentes formatos e abranger os mais variados temas no mundo contemporâneo. Desde manuais de brinquedo a informativos em aviões, o formato dos quadrinhos surge como mediador de comunicação. A *graphic novel Maus*, por exemplo, tem pautado diversas discussões sobre os perigos do fascismo. Já trabalhos como Turma da Mônica ou Menino Maluquinho fazem parte do processo de letramento de inúmeras crianças no Brasil. Mangás e suas adaptações em animes como *Dragon Ball Z* ou *One Piece*, por sua vez, têm se mostrado cada vez mais partes importantes da produção e do consumo cultural e midiático no Brasil e no mundo.

Essa presença dos quadrinhos no mundo contemporâneo, somada ao apoio semiótico e lúdico, e até mesmo à popularidade e ao alcance internacional que elas oferecem, contribuem para a sua adoção em materiais didáticos e salas de aula de língua inglesa. No contexto brasileiro, eles surgem nos livros didáticos (LI) de língua inglesa, destinados à Educação Básica, com o objetivo de trabalhar a língua em múltiplos contextos de uso, por meio dos diversos gêneros textuais e de diferentes mídias, de modo a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, como pontuado pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (Brasil, 2017).

Nos LDs de língua inglesa, a partir dos objetivos acima listados, espera-se que haja uma variedade de textos que proporcione o contato e o estudo de diferentes formas de uso da língua inglesa, trabalhando-se diferentes habilidades linguísticas e temas de interesse dos

¹ Graduando em Licenciatura Letras - Língua Inglesa na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

² Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

³ Reconhecendo-se a diferença entre os termos, sendo os quadrinhos uma mídia, e as histórias em quadrinhos a modalidade narrativa desta mídia, neste texto, optou-se por utilizar intercambiavelmente os termos “quadrinhos” e “HQ” que é a sigla para História em Quadrinhos.

alunos e professores. É neste contexto que os quadrinhos aparecem, servindo como base para algumas atividades majoritariamente de cunho gramatical e de interpretação de textos. Diante deste panorama, a presente pesquisa busca responder às perguntas: com que frequência os quadrinhos surgem ao longo da Educação Básica? Quais são esses quadrinhos? Como eles são utilizados? Qual é a função dos quadrinhos neste contexto?

Para partir de um ponto comum na nossa reflexão, quadrinhos são entendidos, neste texto, como uma forma de arte sequencial e híbrida (Eisner, 1990; McLoud, 1993). “Sequencialidade” e “hibridismo” surgem aqui como características formadoras do conceito de quadrinhos, uma sendo o encadeamento coeso de unidades de sentido (geralmente os quadros) e a outra sendo a relação entrelaçada e indissociável entre os elementos textuais e semióticos. Seu processo de interpretação adquire as mesmas características, tornando-se único na sua produção de sentido. Isso justifica a existência de um campo de estudos próprio, ao qual compete identificar e analisar elementos e características específicas a serem descritos como parte de um campo teórico próprio dos quadrinhos, que alimente a idealização e a produção dessa forma de arte.

Como forma de refletir sobre o papel dos quadrinhos na Educação Básica, esta pesquisa visa verificar a hipótese de que, similar ao que mostram os estudos de Cani (2019) e Menezes e Andrade (2016) na área de Língua Portuguesa, os quadrinhos, em seus aspectos multimodais, tendem a ser subutilizados em função de um foco estrutural-gramatical no ensino de Língua Inglesa. Para isso, fazem-se necessárias a observação e a geração de dados a partir de corpora composto por livros didáticos de língua inglesa, a análise desses resultados sob a luz da Teoria dos Quadrinhos (Eisner, 1990; McLoud, 1993) e, por fim, a reflexão a respeito desses resultados, suas implicações e causas.

Para tanto, este texto organiza-se em cinco partes. A primeira, que segue esta introdução, apresenta a revisão de literatura sobre o panorama geral de quadrinhos e dos estudos feitos sobre eles em interface com a educação. A segunda traz uma síntese da base teórica utilizada para compreender o que são e como se apresentam as histórias em quadrinhos. A terceira explica a metodologia utilizada para o estudo, seguida pela quarta, que descreve os resultados encontrados. A quinta discute os resultados informados pelas teorias de Eisner (1990) e McLoud (1993). O texto finaliza com considerações sobre o papel que os quadrinhos têm/podem ter na educação brasileira e no contexto de estudo como um todo.

1 Os quadrinhos nos livros didáticos e nas pesquisas: uma revisão de literatura

Ao pensar em quadrinhos, é normal lembrar primeiro das clássicas tirinhas de jornal ou das famosas revistinhas vendidas em bancas. Estas são particularmente baratas⁴ (tanto para se produzir quanto para se comprar) e fáceis de ler, o que as torna bastante acessíveis. Durante boa parte do século XX, essas características foram motivo de duras críticas que colocaram especialmente as histórias em quadrinhos numa posição de reflexo do consumismo capitalista e de agente de alienação de massas (Adorno, 2002).

Como literatura, as HQs também foram consideradas incapazes de desenvolver tramas complexas e abordar seus personagens de forma não superficial (Eco, 1970). Super Heróis e revistas *pulp* de horror foram considerados causadores de um fenômeno de delinquência juvenil e acusados de retratar uso de drogas, crime, homossexualidade e servidão sexual para influenciar negativamente o comportamento de jovens leitores (Wertham, 1954).

Próximo da virada do século, surge uma visão um pouco diferente. Sendo um campo mais maduro, que já havia formado algumas gerações de leitores que retiveram o fascínio pelos quadrinhos, Will Eisner os descreve, em 1985⁵, como uma forma de arte conceitual com suas próprias características e possibilidades narrativas. Em 1993, McCloud parte da definição de Eisner para fazer uma reflexão histórica dos quadrinhos, chegando à ideia de uma mídia de fronteiras turvas continuamente definidas e redefinidas a partir de sua evolução e percepção.

No Brasil, existem estudos⁶ sendo produzidos sobre quadrinhos nos mais diversos campos: História (Silva; Vieira, 2023), Teologia (Cruz; Cruz, 2019; Caldas, 2020), Filosofia (Araujo; Ohushi, 2016), Arqueologia (Wichers *et al.*, 2021) e Estudos sobre identidade (Queluz, 2020). Esses estudos observam como surgem seus respectivos temas em narrativas selecionadas do campo dos quadrinhos, o que ilustra o potencial universal⁷ que o hibridismo constitutivo dessa mídia confere aos quadrinhos.

Nas diversas disciplinas encontradas no campo da Educação, os quadrinhos também se fazem presentes. Na Geografia, eles surgem na bibliografia de análise de livros didáticos como uma ferramenta útil para um aprendizado prazeroso e significativo de conteúdos com

⁴ No geral esses formatos são de fato baratos, mas fenômenos como a modernização da produção e consumo de quadrinhos na era digital e a existência de um monopólio de distribuição dele no Brasil têm influenciado essa característica.

⁵ Ano da publicação original de *Comics and Sequential Art*, que recebeu uma edição revisada em 1990.

⁶ Pesquisa realizada na Plataforma Periódicos Capes em 23 de outubro de 2024, retornando 24 resultados disponíveis para leitura.

⁷ Universal surge neste contexto como algo de alcance internacional e capaz de ser compreendido por seu aporte visual e sequencial, mesmo sem uma tradução (McCloud, 1993).

alto nível de abstração da geografia (Araujo, Aquino, 2023). Na Microbiologia, os alunos parecem ter uma tendência a aceitar positivamente o uso de quadrinhos, tendo-os como promotores de contextualização e potencializadores da aprendizagem (Barros; Lima; Cardoso; Silva, 2022). Na área de Ensino de Ciências, a partir de um levantamento realizado com base em dois grandes eventos da área, cita-se um aumento significativo no uso de HQs tanto como material didático, quanto na sua presença em LDs e na formação docente (Camargo; Rivelini-Silva, 2017). Na área de Ensino de Filosofia, não apenas os quadrinhos, mas outras formas de arte - como a charge, a fotografia e a ilustração - foram objeto de estudo no que diz respeito à promoção de uma reflexão filosófica libertadora e o rompimento com uma educação estritamente tecnicista (Lima *et al.*, 2020).

No campo das Letras, a tradução e adaptação para quadrinhos tem sido objeto de estudo pautado pela tradução intersemiótica de Jakobson (ora como referencial teórico, ora como objeto de estudo) (Silva, 2018, Adriano; Darin, 2018). Na escola, é comum que muitos dos quadrinhos que chegam às bibliotecas sejam adaptações de clássicos literários, seja para combinar com a presença de tirinhas em provas e testes, seja para incentivar a leitura (Yamaguti, 2014).

No campo da Língua Portuguesa, observou-se livros didáticos desta disciplina no que tange ao uso de quadrinhos, buscando-se refletir, qualitativamente, sobre como eles eram tratados (Cani, 2019; Menezes; Andrade, 2016). As análises propostas constataram um uso incipiente do potencial das HQs, que surgem como algo marginal, muitas vezes vistas como ferramenta para o ensino de conteúdos gramaticais, cerceando a capacidade leitora do aluno e deixando apenas para o professor a função de se aprofundar nos objetos para expandir a percepção sobre eles.

Neste trabalho, ressalta-se que obras inerentemente multimodais são exploradas a partir de uma base estruturalista que evita os recursos semióticos fundamentais para a criação de significado presente nos quadrinhos. Essa subutilização da multimodalidade denota portanto uma subvalorização dos quadrinhos como arte tratando-os como uma ferramenta e não como um objeto de estudo digno e único.

Seja dentro ou fora das salas de aula, a formação leitora de grande contingente de pessoas está diretamente ligada ao consumo de histórias em quadrinhos. Apesar de, muitas vezes, as HQs serem entendidas como incentivadoras ou potencializadoras do gosto pela leitura na infância e adolescência (Bari; Vergueiro, 2007), algo amparado pelas próprias instituições de ensino (Canguçu; Korbes, 2011), argumenta-se que elas podem ser mais do que um meio para se chegar a um fim. O objetivo do letramento envolvendo quadrinhos, por

exemplo, não se trata apenas de guiar leitores para a prosa ou poesia dos clássicos canônicos, mas da valorização dos quadrinhos em si e em aproximação a outras mídias multimodais como uma leitura que desafia múltiplos sentidos e exercita a percepção estética do leitor (Arcuri, 2014; Navas; De Almeida, 2024).

Diante da bibliografia disponível, percebe-se uma lacuna no estudo dos quadrinhos em livros didáticos dentro da área de Língua Inglesa, o que o presente estudo se propõe a responder. A crescente necessidade de interpretação de signos semióticos junto aos escritos que se faz presente no contexto digital do mundo contemporâneo, e a presença dos quadrinhos em LDs de Língua Inglesa levam o presente texto a contribuir com uma exploração multisseriada da aparição e uso dos quadrinhos nesses LDs. Essa exploração almeja verificar se algo similar ao observado na disciplina de Língua Portuguesa (Cani, 2019; Menezes; Andrade, 2016) ocorre na Língua Inglesa. Tomando a Teoria dos Quadrinhos como ponto de partida, este estudo busca contribuir trazendo um novo olhar sobre as HQs, expandindo as suas possibilidades e aproximando os campos dos quadrinhos e da Educação.

2 Referencial Teórico

2.1 O gênero quadrinhos de acordo com a BNCC e com os Multiletramentos

No atual formato da educação brasileira, a BNCC é o documento normativo responsável por definir as aprendizagens consideradas essenciais em território nacional. O documento toma como embasamento teórico as pesquisas mais relevantes sobre ensino e aprendizagem de diversas áreas, com a das linguagens, buscando refletir valores atuais e condizentes com a literatura acadêmica que lhe é contemporânea. A área de Língua Inglesa, por exemplo, traz os estudos de Inglês como língua franca, os multiletramentos e a teoria dos gêneros discursivos como centrais, de modo a apontar para o caráter formativo dessa disciplina na educação linguística e na formação cidadã desses estudantes (Brasil, 2017). Os livros didáticos analisados neste estudo, bem como todos os outros aprovados no PNLD e todo o aparato educacional público são regidos pela BNCC e carregam consigo esses mesmos valores.

Em termos de organização, o documento segmenta esses aprendizados essenciais em áreas do conhecimento, cada uma com um conjunto de competências gerais para as etapas do Ensino Fundamental e Médio. Cada área, por sua vez, engloba uma série de disciplinas, cada uma com suas competências específicas.

A área de linguagens assume possibilidades verbais, visuais, sonoras, corporais e digitais dentro de seu guarda-chuva, tratando-as como mediadoras de práticas sociais da interação humana. É a partir do uso das linguagens nessas interações que os humanos se constituem como sujeitos, mobilizando conhecimentos, ações e valores culturais, morais e éticos (Brasil, 2017). A disciplina de Língua Inglesa, mais especificamente, visa a intercalação de cinco eixos temáticos dentro de sua progressão, sendo estes: Conhecimentos Linguísticos, Leitura, Escrita, Oralidade e Dimensão Intercultural. Esses eixos surgem para guiar o aprendizado em diferentes formas de conhecimento e expressão desta língua estrangeira ao longo do processo educacional.

Servindo de fundamentação para o trabalho produtivo e plural com a língua inglesa, a Pedagogia dos Multiletramentos (New London Group, 1996; Cope; Kalantzis, 2000) surge tendo como um dos seus pilares a multimodalidade. De acordo com Kress (2000, 2005, 2006, 2010) e Kress e Johnson (2003), a comunicação e a linguagem vão além da escrita e da fala, sendo capazes de se apresentar de diferentes formas, também conhecidas como modos. Cada um desses modos possui seus próprios signos (sendo estes as unidades de significado) que funcionam de formas próprias ao seu modo. Um modo visual, portanto, vai representar um significado com signos semióticos. O mesmo significado pode ser evocado num modo escrito por signos como palavras. Essas, quando faladas, fazem parte de um modo sonoro, e assim por diante.

A multimodalidade, portanto, é o fenômeno da construção de sentidos conectados e unificados a partir de signos de diferentes modos. Para a Pedagogia dos Multiletramentos, a construção do conhecimento deve se munir dessa multimodalidade para produzir nos alunos uma capacidade de interpretação ampla de diferentes modos e para entender as relações entre eles, que são crescentes num mundo cada vez mais globalizado e digital. Uma página web de um veículo de notícias, por exemplo, se forma a partir de blocos de significado que variam em modo, mas podem se relacionar através de signos que referenciam significados próximos. Da mesma forma, um livro didático é um objeto multimodal e, como veremos, a multimodalidade está no cerne da criação e leitura dos quadrinhos.

Na BNCC, para fomentar esse estudo contextual e crítico dos múltiplos textos que fazem parte do cotidiano e do mundo do estudante, recomenda-se trabalhar com gêneros do discurso multimodais como forma de potencializar a experiência com diferentes formas e objetivos de leitura, aumentando a variedade de repertório contextual da língua inglesa. Diferentes gêneros surgem amparados pela teoria bakhtiniana, sendo considerados formas de interação social relativamente estáveis pelas quais se formam sentidos (Bakhtin, 1986; 2003).

O trabalho com gêneros visa o contato com temáticas significativas para os estudantes, atreladas a práticas com possibilidades interdisciplinares, almejando o desenvolvimento de uma leitura crítica e de autonomia no processo de aprendizagem da língua (Brasil, 2017).

Como os quadrinhos são parte desses gêneros multimodais que já estão contemplados na educação por meio da Pedagogia dos Multiletramentos e da teoria bakhtiniana de gêneros discursivos, a teoria dos quadrinhos mostra-se como uma poderosa aliada para pensar o uso de obras híbridas e sequenciais de forma mais aprofundada e pautada na sua unicidade refletindo a concepção de linguagem como algo menos grafocêntrico e mais multimodal. A ideia de hibridismo nos quadrinhos, de um lado, e de multimodalidade nos multiletramentos, de outro, além de bastante parecidas, podem fazer uma ponte entre as suas respectivas teorias, oferecendo uma visão mais ampla e expandindo as possibilidades do uso de quadrinhos em LDs.

2.2 A teoria dos quadrinhos segundo Eisner (1990) e McCloud (1993)

Will Eisner foi um dos pioneiros no desenvolvimento teórico dos quadrinhos. Ele trabalhou com grandes nomes da indústria, como Bob Kane e Jack Kirby, e o famoso prêmio Eisner recebeu este nome em sua homenagem. Renomado quadrinista, exerceu quase todas as posições possíveis da confecção e publicação de quadrinhos, tendo destaque como roteirista, desenhista, arte finalista e editor. Ele se manteve em atividade da década de 1930 até sua morte em 2005, desenvolvendo quadrinhos celebrados como *The Spirit* e *A Contract With God*. Para este trabalho, entretanto, o foco repousa sobre *Comics and Sequential Art*. Este livro consiste na compilação de uma série de ensaios publicados por Eisner e influenciados pelo seu curso de arte sequencial ministrado na Escola de Artes Visuais de Nova York. Essa compilação é, hoje, uma obra basal para quem busca estudar ou produzir quadrinhos.

Eisner (1990) define os quadrinhos como o resultado contemporâneo do desenvolvimento da arte sequencial, que é entendida como “uma forma de expressão criativa, uma disciplina distinta e uma forma de arte e literatura que lida com o arranjo de ilustrações ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (Eisner, 1990, p. 5, tradução nossa). Vale notar ainda que, junto à definição, menciona-se o destaque que as HQs têm na cultura pop do século e a insipiência dos esforços acadêmicos em contemplá-las como objeto de estudo.

Quadrinhos são lidos de forma particular, uma vez que retornam o próprio conceito de leitura a algo anterior às palavras. Ler é uma atividade ligada à percepção e à interpretação

sensorial, primariamente ligada à visão⁸. A leitura de imagens envolve o escaneamento e interpretação de toda a informação visual presente na obra de forma direta. A leitura da escrita exige um nível adicional de abstração ao conectar conceitos (significados) a palavras (significantes). A leitura dos quadrinhos é similar à formação das letras segundo a grafemática, porém com um pouco menos de abstração (Eisner, 1990; McLoud, 1993). Ao mesclar a codificação escrita e a imagética, os quadrinhos ressignificam a ideia de leitura como algo plural e, neste caso, híbrido (ou multimodal, segundo Kress⁹).

A partir dessa percepção de leitura criam-se e repetem-se padrões que a guiam gerando uma linguagem própria denominada gramática da arte sequencial. O escrito é também imagético, uma vez que palavras são formadas por letras, que nada mais são do que símbolos visuais organizados em um código de padrões que se repetem. O estilo do desenho é algo próprio da atmosfera que se cria. A força de uma pincelada, o traço utilizado na caricatura, a forma como a iluminação é trabalhada, a textura aplicada, são todas coisas que se conectam corretamente com a leitura da imagem. Na ideia ampla de leitura, elas são igualmente aplicáveis ao texto escrito, seja na fonte, na iconografia ou até mesmo nos balões que o envolvem. Tudo nos quadrinhos é uma escolha artística (proposital ou acidental) que tem em mente o acordo com a gramática da arte sequencial, ou a quebra dela para um fim específico.

A partir dessa hibridização de imagem e texto escrito, os quadrinhos organizam uma série de elementos que eles devem representar. Um deles é o tempo, uma vez que quadrinhos são organizados a partir de uma sequencialidade. Artes como o cinema (que, segundo Eisner, deriva também da arte sequencial) têm a vantagem de se organizarem numa quantidade determinada de tempo e trabalharem com alteração de um tempo real. Os quadrinhos, por sua vez, devem criar seu próprio tempo através de seus dispositivos. Para isso, os eventos são encadeados de forma relativa entre si e aludem à realidade para efeito de comparação, uma vez que se espera que o leitor tenha noção do tempo necessário para as ações retratadas.

Ainda assim, o tempo nos quadrinhos é algo que é percebido pelo leitor, mas criado pelo artista. Os elementos literário-gráficos do quadrinho são organizados de modo a criar e guiar essa percepção. Um diálogo, por exemplo, emula uma dimensão sonora que os quadrinhos não possuem, mas o encadeamento e o ritmo do diálogo podem ser emulados a partir do tamanho e disposição dos balões de fala. A voz ou entonação de uma fala não é

⁸ Existem exceções. Uma pessoa com deficiência visual, por exemplo, lê com o tato.

⁹ Os conceitos de “multimodalidade” e “hibridismo” não são idênticos, mas são equivalentes neste contexto. Eles explicitam visões de campos diferentes sobre o mesmo fenômeno.

ouvida, mas é interpretada através da semiose visual dos tipos de balões ou da fonte utilizada. No exemplo da FIG.1, a cor identifica quem fala, a formatação do texto indica o foco e entonação da fala, o desenho diferente do último balão indica um berro e o encadeamento dos balões informa a ordem do diálogo e deixa implícita a passagem do tempo.

Figura 1: Exemplo de tempo e semiose visual



Fonte: *Gwenpool*, volume 1 #2, 2016, p. 9.

Outro importante elemento que se alia ao tempo é o quadro. Os quadrinhos não recebem esse nome à toa, pois o quadro é uma unidade basal dessa mídia. Ele consiste no momento escolhido temporal e espacialmente para se ilustrar algo maior, já que em qualquer dada ação existe uma possibilidade fractal de momentos a serem reproduzidos e uma infinidade de formas de capturar esses momentos no quadro. Essa escolha envolve quais elementos fazem parte do quadro, como estão dispostos, qual a perspectiva usada e, mais importantemente, qual o significado por trás disso. Essa composição da imagem dentro do quadro é o que chamamos de enquadramento.

Essa composição é o que gera cada um dos vários quadros e por isso o caráter sequencial importa tanto aos quadrinhos. Numa página, vários quadros, de tamanhos e formatos variados, são organizados em uma sintaxe própria que constrói significado e narrativa. Essa sintaxe é separada pelas bordas ou molduras entre os quadros, também chamadas de requadro, e possui uma sintaxe específica de funcionamento similar ao dos balões de fala. O sentido pode ser produzido pelos tipos, tamanhos, disposições e encadeamento de quadros, ou até pela sua ausência.

Outro importante elemento para Eisner é a retratação da forma mais universal para nós humanos: nós mesmos. Trata-se da expressividade da anatomia, ou seja, da forma como se retrata o corpo e o rosto. Ambas vão ser baseadas num repertório semiótico de significados de gestos compreendidos por autor e leitor. No corpo, por exemplo, existe novamente a ideia de capturar a ideia de uma ação de forma estática. A sucessão de diferentes posturas

comunica ao leitor as chaves de um significado que ele é complementar, preenchendo o espaço entre eles. No rosto, por sua vez, algo similar ocorre, mas utilizando a emulação da expressividade muscular da face como advérbio, inferindo visualmente as emoções dos personagens. Isso pode produzir um sentido adicional ou até mesmo modificado quando comparado com outros elementos como o texto da fala.

Quanto à escrita propriamente dita, diz-se que ela é, ao mesmo tempo, a concepção da ideia aliada à construção da narrativa e parte do produto em si. Assim, ela é mais próxima de um roteiro de cinema do que de um romance literário. No produto, contudo, a escrita é indissociável da imagem, uma vez que durante todo o processo elas se entrelaçam. Como dito anteriormente, a forma e o momento em que o texto é apresentado colabora com a produção semântica de forma ativa, aludindo a dimensões inalcançáveis pelos quadrinhos e tornando-as presentes na interpretação do leitor. Palavras surgem nas HQs como produtoras e modificadoras de sentido, mesmo quando ausentes. Uma mesma disposição de quadros tem seu sentido radicalmente alterado a partir da aplicação de falas, descrições, onomatopeias, pensamentos ou silêncio. Elas influenciam e são influenciadas pelas imagens, fazendo a interpretação de ambos indissociável.

Outro grande nome na escola americana dos quadrinhos é Scott McCloud. Autor de séries como *Zott!* e *Destroy!!* e da *graphic novel* *The New Adventures of Abraham Lincoln*, McCloud também trabalhou com um dos mais importantes personagens das HQs, o Super-Homem em *Superman Adventures* e *Superman: Strength*. O seu destaque, entretanto, está mais relacionado a suas publicações como teórico dos quadrinhos, em especial ao livro *Understanding Comics: The invisible Art*, no qual ele vai além do que Eisner propõe com seus exemplos e teoriza sobre quadrinhos na forma de quadrinhos.

Neste livro, McCloud (1993, p. 9, tradução nossa) ensaia uma definição técnica de quadrinhos como “imagens pictoriais, justapostas entre outras, em sequência deliberada com o propósito de comunicar informação e/ou produzir uma resposta estética no leitor”¹⁰. A partir desta primeira definição, uma série de exemplos históricos são comentados e comparados entre si, chegando-se à conclusão de que quadrinhos são uma mídia que lida com criações imagéticas em sequência, mas cuja definição é um eterno e proveitoso debate.

McCloud (1993) propositalmente evita mencionar temas, autores, processos, estilos, materiais ou gêneros específicos, justamente para demonstrar que, nesses âmbitos, as possibilidades são virtualmente infinitas e que este é o vasto universo dos quadrinhos. Dentro

¹⁰ Traduzido de: *Juxtaposed pictorial and other images in deliberate sequence intended to convey information and/or to produce an aesthetic response in the viewer.*

das turvas fronteiras da mídia, revistas, tirinhas, graphic novels, aquelas fotografias de cabine, manuais de brinquedos da LEGO, diagramas informativos, uma série de obras antigas, medievais, modernas e contemporâneas podem todas ser quadrinhos.

McLoud (1993) chama os elementos primordiais dos quadrinhos de ícones, signos interpretados visualmente, propositalmente simplificados para ampliar a abstração na interpretação e identificação. Ele demonstra como ícones são representações que variam num espectro¹¹ que liga os extremos da dicotomia entre o realista, complexo, objetivo e específico e o abstrato, simples, subjetivo e universal. Isso justifica a universalidade dos quadrinhos, que ao se aproximarem da arte cartunizada, se tornam mais universais. Quanto à concepção de quadrinhos, o espectro ilustra como eles são ambos texto e imagem e, ao mesmo tempo, nenhum dos dois. As extremidades do espectro seriam, de um lado, a representação imagética realista objetiva, e, do outro, a representação textual abstrata subjetiva; no meio desse espectro estariam as fronteiras daquilo que são os quadrinhos.

Figura 2: Definição de Quadrinhos de Scott McLoud



Fonte: McLoud, 1993, p. 212.

Tendo isso definido como vocabulário, faz-se necessária uma gramática regida por aquilo que o autor chama de “completude”¹². A completude seria a capacidade de completar o que é descrito em um quadro a partir do coletivo de experiências e conhecimentos prévios,

¹¹ McLoud, com o auxílio imagético, amplia a ideia de espectro para a ideia de uma pirâmide de três extremos, mas aqui seguiremos com a ideia original de um espectro com dois extremos.

¹² Traduzido do inglês *closure*.

percebendo por ele a totalidade representada, similar à escolha que Eisner (1990) narra com respeito ao enquadramento. A completude, então, é marcada pela sarjeta, o espaço em branco entre os quadros, gerando diferentes tipos de transições entre os quadros. Como conceito, a completude também permeia de forma mais holística os quadrinhos, sendo a dimensão sob a qual a interpretação evoca os quatro sentidos que os quadrinhos não possuem a partir da imaginação.

Uma vez que vocabulário e gramática se unem, é necessário demonstrar algo não processado diretamente por nenhum dos sentidos: o tempo. Para emulá-lo, são listadas algumas técnicas. A emulação do som através de falas e onomatopeias, por exemplo, evoca o tempo necessário para se ouvi-las. A emulação de movimento pode ser feita através do vocabulário e gramática dos quadrinhos. O tamanho, formato e duração dos quadros pode influenciar, entre outras coisas, na percepção temporal do movimento/tempo que é retratado neles, de acordo com as transições de um para outro. Por fim, para retratar movimento dentro de um único quadro, criam-se, a partir do conhecimento da óptica na fotografia, as linhas de movimento, que variam em estilo e técnica.

Algo mais invisível até do que significado e tempo são os sentimentos. Sendo uma forma de arte, faz parte das capacidades e dos objetivos dos quadrinhos provocar no leitor uma gama de emoções e sensações. Para isso, todo o tracejado tem inerentemente um potencial expressivo. Diferentes autores, em diferentes contextos e com diferentes objetivos, geraram tracejados correspondentes que aproveitam esse potencial para provocar no leitor a resposta pretendida a partir de uma espécie de subjetividade da sinestesia. Esse fenômeno pode ainda se estender para todo o vocabulário dos quadrinhos, envolvendo, além do desenho, as cores, a fonte, os balões e o próprio quadro. Alguns usos do tracejado tornam-se tão amplamente utilizados que acabam sendo integrados ao vocabulário geral por associação, como as próprias linhas de movimento.

McLoud (1993) também usa seu espectro imagético-textual para teorizar sobre a função e recepção dos quadrinhos. O autor parte da noção de que a arte tendeu por muito tempo a se deslocar para os seus extremos. Apesar de figuras e letras não serem, em origem, coisas diferentes, a “alta” literatura passou a ser aquela que se afastou da semiótica, portanto, que era capaz de criar significado apenas com abstração. Por sua vez, a “verdadeira” arte se tornou aquela que era capaz de replicar com precisão a vida real. A literatura e as artes plásticas se especializaram, uma em cada extremo do espectro, e no meio, os quadrinhos foram feitos órfãos por esse processo.

Isso é, por exemplo, o que fundamenta a ideia grafocentrista e etarista de que com a maturidade e envelhecimento dos indivíduos, deva-se abandonar revistas em quadrinhos por artes visuais e literárias mais sóbrias e devidamente segregadas. Várias obras artísticas através da história possuem sequencialidade e hibridismo; entretanto, devido às críticas anteriormente listadas, buscam evitar a conotação negativa decorrente da subvalorização dos quadrinhos, causando o que o autor chama de uma “baixa autoestima” no campo. Existe uma tendência de julgar os quadrinhos a partir dos preceitos de outras artes dentro e fora do meio, e é por isso que se nega a ideia de que eles são um gênero literário, ou um estilo de arte gráfica, uma vez que isso é uma das causas da manutenção de sua baixa autoestima.

Quando os dois extremos se colidem novamente no meio do espectro, o resultado é uma vasta capacidade de expressão da experiência humana. Portanto, ainda que isso não seja uma regra, quadrinhos têm sido utilizados como uma poderosa ferramenta de narrativa. Para esse uso, McCloud (1993) define alguns tipos de combinação entre o texto e a imagem e trata essa combinação como uma dança. Quanto mais é dito pelo texto, mais liberdade tem a imagem, e vice e versa. Essa dança impreterivelmente é algo que surge naturalmente no processo criativo. Um eterno balanço de mostrar e dizer, tudo ao mesmo tempo. É esta a definição de quadrinhos que se tem em mente, no decorrer da pesquisa, e é ela a motivadora da metodologia de análise dos livros didáticos.

3 Metodologia

Esta pesquisa classifica-se como um estudo de caso (Prodanov; Freitas, 2013), pois busca investigar o uso de quadrinhos em livros didáticos no ambiente educativo da rede pública, usando o contexto marianense como reflexo de um fenômeno de maior escala. Ainda, ela pode ser classificada como básica por pensar na problemática de forma universal, e sem aplicação prática prevista. Em relação aos objetivos, esta é uma pesquisa descritiva, e interpretativa focada na apresentação e reflexão sobre os quadrinhos nos LDs e na análise crítica dos dados gerados.

Os critérios de seleção e estudo dos livros didáticos foram: 1) serem aprovados pelo PNLD vigente (2020-2021); 2) estarem disponíveis gratuitamente e virtualmente nas versões “manual do professor”; e 3) serem utilizados nas escolas de educação básica nacional e localmente no município de Mariana-MG, onde foi realizada a pesquisa. Atendendo a esses critérios, o *corpus* da pesquisa compreende um total de cinco livros didáticos. Estes são: a segunda edição da coleção “*Way to English for Brazilian Learners*” publicada pela Editora

Ática em 2018. Essa coleção compreende volumes para o sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental, de autoria de Cláudio Franco e Kátia Tavares, e para o oitavo e nono anos do Ensino Fundamental, desenvolvidos apenas por Claudio Franco. Somados a estes está a primeira edição do volume único da coleção Moderna Plus para o componente de Língua inglesa (intitulado apenas “Inglês”) da Editora Moderna, publicado em 2020, e escrito por Ricardo Luiz Teixeira de Almeida.

O trabalho adota uma abordagem qualitativa ao se debruçar sobre estes livros didáticos para descrever a frequência, forma e trato das aparições de quadrinhos nos livros didáticos, gerando dados a serem analisados à luz da Teoria dos Quadrinhos, almejando uma reflexão que possa contribuir para a interface deste campo e o da Linguística Aplicada. Para tanto, é utilizado um método baseado na identificação, leitura, descrição da frequência e categorização do uso didático dos quadrinhos e na investigação das atividades que os acompanham utilizando os conceitos de hibridismo e sequencialidade, somados a textos teóricos para dar base à análise. A TAB.1 demonstra os métodos de geração de dados adotados com vistas a responder aos objetivos desta investigação.

Quadro 1: Quadro de objetivos e métodos

Objetivos	Métodos de geração de dados
Observar o uso dos quadrinhos nos livros de língua inglesa da Educação Básica, buscando aferir com que frequência eles são utilizados e como eles são tratados e trabalhados nos materiais em que estão contidos.	Identificação dos quadrinhos presentes através do <i>corpus</i> . Leitura dos quadrinhos e das atividades propostas. Descrição da frequência e categorização do uso didático dos quadrinhos nestes materiais por meio de uma planilha.
Analisar o uso dos quadrinhos à luz da Teoria dos Quadrinhos.	Investigação das atividades que acompanham os quadrinhos com relação aos conceitos de Hibridismo, Sequencialidade e Multimodalidade.
Refletir sobre as implicações desses resultados.	Leitura de textos teóricos para embasar análise de resultados.

Fonte: Autores, 2025.

Para o levantamento de dados dos livros, primeiro foram identificadas todas as aparições de quadrinhos no material em estudo. Para isso, definiu-se o quadrinho sob a luz da teoria de Eisner (1990) e McLoud (1993), selecionando apenas obras que apresentam hibridismo entre texto e imagem de forma sequencial. Neste contexto, charges, ainda que

próximas, não são quadrinhos¹³. Ademais, aparições de personagens originários dos quadrinhos, mas num contexto de adaptação, ou cuja aparição não envolva um quadrinho em si, ainda têm importância para o estudo, mas não estão contabilizados neste levantamento por não serem explorados em profundidade.

Esses dados foram organizados em uma tabela contendo a página, obra, autor e usos predominantes de cada aparição, separados pela etapa em que aparecem, como no exemplo da TAB.2. A categorização do uso didático corresponde aos eixos definidos pela BNCC para o ensino de Língua Inglesa, exceto pela categoria Quadrinhos, que corresponde ao trabalho com características específicas da mídia abordadas pela Teoria dos Quadrinhos, e que este trabalho diferencia dos cinco eixos. A correspondência dos usos com seus eixos pode ser vista na TAB.3.

Quadro 2: Exemplo da tabela de resultados

Sexto Ano - <i>Way to English</i>				Sétimo Ano - <i>Way to English</i>			
Página	Quadrinho	Autor	Uso Didático	Página	Quadrinho	Autor	Uso Didático
45	Garfield	Jon Davis	Vocabulário	65	Frank and Ernest	Thaves	Gramática e Interpretação

Fonte: Autores, 2025.

Quadro 3: Correspondência de uso didático com eixos da BNCC

Uso Didático	Eixo da BNCC
Gramática, Vocabulário	Conhecimentos Linguísticos
Interpretação	Leitura
Escrita	Escrita
Oralidade	Oralidade
Dimensão Intercultural	Dimensão Intercultural
Quadrinhos	Não há

Fonte: Autores, 2025.

¹³ Charges são excluídas do contexto de análise devido ao corte da fundamentação teórica. Por não se enquadrarem como sequenciais, elas não devem ser julgadas pelos preceitos que este texto toma como o conceito de quadrinhos. Vale comentar, entretanto, que o uso de charges foi nulo, ou significativamente menor que o dos quadrinhos em todo o corpus observado, e que estudos os tomando como objeto também são necessários, entretanto por sua própria fundamentação teórica.

Os dados gerados serão apresentados e posteriormente analisados segundo os conceitos de hibridismo e sequencialidade descritos por Eisner (1990) e McLoud (1993), por meio da observação do uso de elementos como a iconografia e o estilo de tracejado e cor, a construção de tempo e espaço por meio da completude da sintaxe visual e o vocabulário semiótico dos quadrinhos nos balões, quadros e sarjetas. Em cada etapa/livro, busca-se verificar se a articulação dos quadrinhos como gênero multimodal apresenta um conhecimento compatível com a Teoria dos Quadrinhos nas explicações apresentadas e se ocorre a mobilização dos elementos híbridos e sequenciais formadores dos quadrinhos nos processos de interpretação e nas atividades propostas.

4 Resultados

Os resultados apresentados a seguir são o instrumento pelo qual se busca entender o papel desempenhado pelos quadrinhos nos LDs como reflexo da visão que os contempla no sistema educacional brasileiro. Esses dados são um útil retrato do *modus operandi* presente, uma vez que possibilita compreender o uso dos quadrinhos que serve de ponto de partida para as reflexões propostas. Nesta seção, as concepções teóricas que embasam as coleções de livros didáticos investigadas serão apresentadas, seguidas pelo demonstrativo quantitativo da frequência da aparição dos quadrinhos no material sob estudo e pelo enfoque didático sob o qual eles são mobilizados.

Em sua apresentação, a coleção *Way to English* adota uma perspectiva dialógica de linguagem e uma perspectiva social e crítica de gêneros, citando Bakhtin (1986), Bazerman (2006) e Marcuschi (2006). Essas concepções são sustentadas pelo argumento de que a língua vai muito além de um sistema monológico, criando abstrações e relações sociais onde o contexto de uso é importante na criação de sentidos. Quanto aos gêneros, sua importância social e crítica é reiterada como algo além da pura forma textual, mas que engloba a construção e criticidade do significado (Franco; Tavares, 2018).

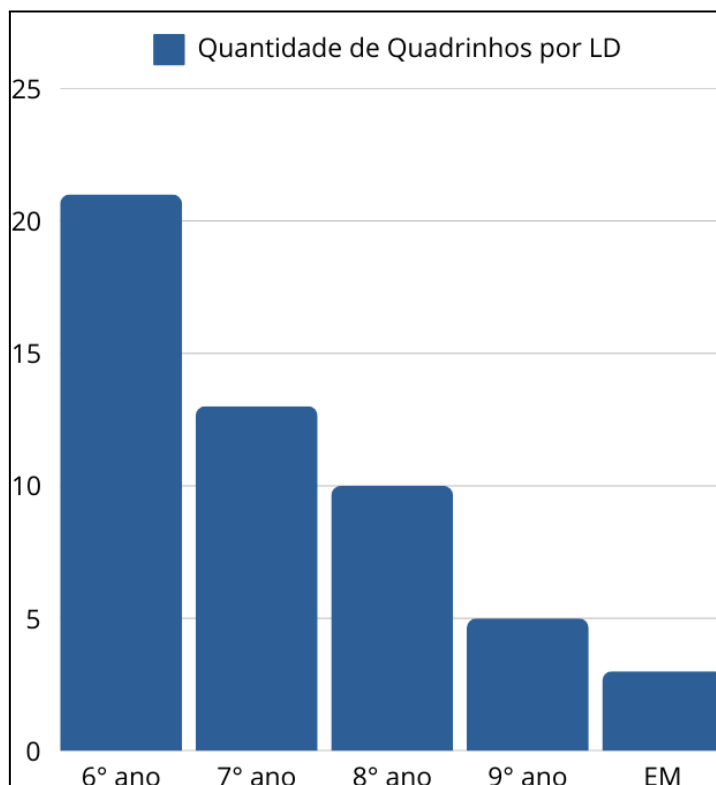
Dentro desta apresentação, ambas as histórias em quadrinhos e as tirinhas são citadas como gêneros discursivos presentes no livro como representantes de comunidades que se expressam em língua inglesa. Os quadrinhos e as tirinhas, no material, são considerados como gêneros literários utilizados para aprimorar a compreensão escrita. Em contraste, outras obras consideradas como mídias e formas de arte são citadas como formas de expressão artística para gerar discussão (Franco; Tavares, 2018).

No volume único do Ensino Médio, novamente o pensamento bakhtiniano (2003) surge como um guia para a noção de língua, que é abordada não como uma estrutura abstrata, mas como o principal meio de interação social e como um reflexo dessa interação. A língua é tida pelo livro como um incessante diálogo com os contextos históricos e sociais no qual se insere (Almeida, 2020).

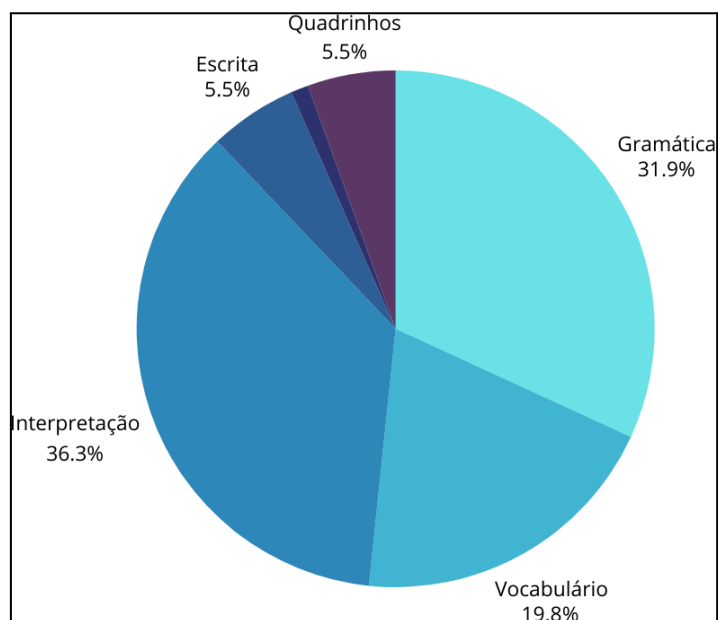
De acordo com Bakhtin (2003), a produção textual é dialógica, fazendo constantes referências aos textos que a antecedem e sendo referenciada pelos que virão em seguida. Dentro dessas relações se formam “tipos relativamente estáveis de enunciados que compartilham características ligadas ao estilo, conteúdo temático e construção composicional” (Bakhtin, 2003, p. 261-262). Segundo o autor do LD na introdução do manual do professor, a questão não é se esses gêneros discursivos devem estar presentes nos materiais didáticos, mas sim qual o uso que se faz deles. Para isso é selecionado o conceito de gênero do discurso como objeto e megainstrumento (Schneuwly; Dolz, 2004) que o livro usa para selecionar os textos que apresenta pareados aos conteúdos que cobre (Almeida, 2020).

Os dados gerados através dessas coleções demonstram de imediato alguns fatores presentes ao longo de todo o corpus. O formato de quadrinhos que predomina é o de tirinhas cartunescas, enquanto outros formatos como a revista em quadrinhos, a graphic novel, ou o mangá não recebem nenhum tipo de aprofundamento, mesmo nas raras ocasiões em que são citadas. Nas tirinhas, figuram alguns dos autores e títulos mais celebrados da tradição americana, como *Peanuts*, de Charles Schulz (8 aparições), e *Garfield*, de Jon Davis (16 aparições).

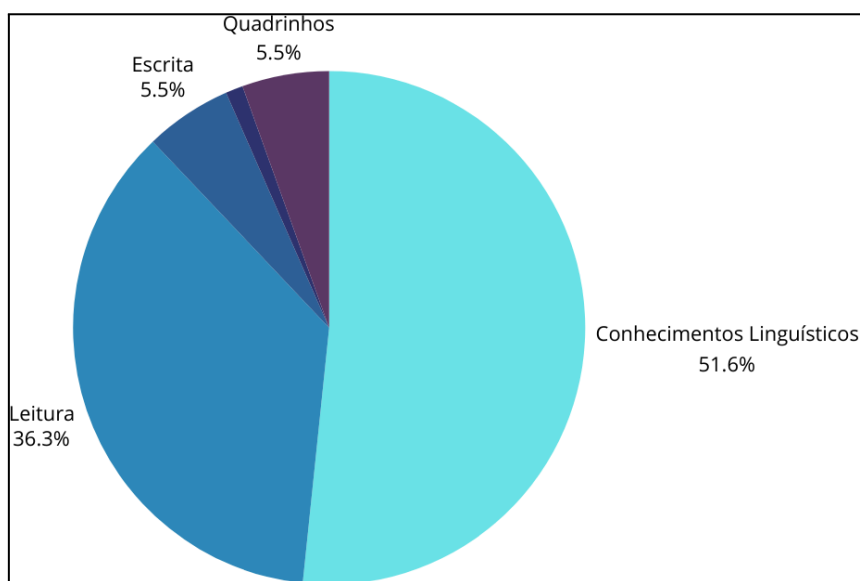
O número total de aparições é 21 no 6º ano, 13 no 7º ano, 10 no 8º ano, 5 no 9º ano e 3 aparições de quadrinhos em todo o volume único do ensino médio observado, totalizando 52 quadrinhos ao longo de todos os livros, como visto no GRAF.1. Quanto aos principais enfoques recebidos para o estudo desses quadrinhos, 33 deles mobilizam a habilidade de interpretação, 29 tratam de aspectos gramaticais e 18 deles apresentam e/ou discutem um vocabulário específico. As porcentagens de uso didático e eixo trabalhado podem ser vistas nos GRAF.2 e 3 respectivamente.

Gráfico 1: Quantidade de quadrinhos por Livro Didático

Fonte: Autores, 2025.

Gráfico 2: Porcentagem de Uso Didático dos quadrinhos

Fonte: Autores, 2025.

Gráfico 3: Porcentagem de eixos da BNCC nas atividades

Fonte: Autores, 2025.

Os fatores chave para os quais se chama a atenção são o decaimento de aparições, visível no GRAF. 1 e a disparidade entre a porcentagem de uso didático com o que se considera elementos próprios dos quadrinhos e com o que compete a fatores da língua, externos aos quadrinhos utilizados, visível nos GRAF. 2 e 3.

5 Discussão dos Resultados

Os dados gerados para esta pesquisa foram organizados de forma a ilustrar uma pequena fração do processo educacional. Buscando entender que valores esse processo parece infundir ao uso dos quadrinhos, o que se segue é a reflexão sobre esses resultados. Primeiramente de forma geral, observando os dados como evidências de um processo; posteriormente em casos específicos de atividades, comentadas pelo viés da teoria descrita, e finalmente indo além dos LDs, para pensar sobre aspectos e formatos que não foram vistos neles.

A redução na quantidade de aparições de quadrinhos utilizados nos livros didáticos estudados, como mostra o GRAF. 1, parece indicar uma lógica etarista (McLoud, 1993, p. 3), uma vez que a quantidade de quadrinhos tende a diminuir de acordo com o avanço esperado na idade dos alunos em cada etapa. Isso corrobora uma visão popular de que quadrinhos são “coisa de criança”, algo que se estende a qualquer tipo de leitura intercambiada com figuras. Dentro dessa lógica, os quadrinhos são usados para atrair os alunos a outros tipos de leitura, não tendo o estudo da mídia em si como objetivo.

Seu uso, como veremos, reflete-os como instrumentos e não como leituras particulares e com valor único. Sendo apenas instrumentos, os quadrinhos perdem sua utilidade em etapas mais avançadas, pois se espera que os alunos sejam capazes de ler “livros sem figuras”. Isso colabora com a manutenção da baixa autoestima dos quadrinhos como campo midiático e artístico, de acordo com McLoud (1993, p. 18). Devido ao histórico de críticas aos quadrinhos, como as de Adorno (2002) sobre seu papel na indústria cultural, as de Eco (1970) sobre suas limitações narrativas e as de Wertham (1954) sobre sua influência negativa nos jovens, vistas na primeira seção, somadas a um contexto de produção e consumo barato e fácil, criou-se uma visão não apenas etarista, mas também elitista dos quadrinhos como uma literatura menor. Entretanto, para este texto, os quadrinhos não são inerentemente menores, ou sequer uma forma de literatura no sentido convencional do termo.

Como expressado anteriormente, este trabalho adota uma concepção de quadrinhos como uma mídia própria e, portanto, como algo que se separa da literatura na qual se encaixa um romance, uma poesia ou uma crônica. Entretanto, como nos informam Eisner (1990, p. 7-13) e McLoud (1993, p. 10-17), eles são uma forma de leitura não diferente de outras formas de arte, como o cinema, a arte plástica, entre outras, exceto pela menor apreciação e valorização (McLoud, 1993, p. 6, quadro 9). Nos LDs, a visão dos quadrinhos como gêneros do discurso parece mostrar-se insuficiente para lidar com o caráter artístico dos quadrinhos, evitando uma reflexão mais profunda sobre as características únicas que se vê na teoria dos quadrinhos e, conseqüentemente, colaborando com sua desvalorização.

Essa desvalorização dos quadrinhos como mídia, como leitura completa e plena, surge como o provável motivador das situações ocorridas no corpus observado. A maior parte de suas aparições, como veremos nos exemplos das Figuras 3-6, os enxerga como gêneros tradicionais¹⁴, e não como uma mídia diferente, com suas particularidades de leitura. Com isso, os exemplos de certa forma concordam, ou pelo menos colaboram, com a noção de que eles são um produto menor, e que o seu uso proveitoso é o de ferramenta para treinar os alunos para ler aquilo que se considera mais relevante na língua.

Combatendo essa noção, o trato dos quadrinhos sob a luz de teoria especializada pode trazer aos LDs uma expansão do trabalho com o hibridismo e sequencialidade, que seria benéfico para o letramento multimodal dos alunos. Ao mesmo tempo, sendo utilizados junto a sua teoria especializada os quadrinhos cresceriam em valorização de forma mais compatível com sua influência e potencial, combatendo a baixa autoestima citada por McLoud.

¹⁴ A crítica feita faz referência ao modo como os livros didáticos investigados materializam o conceito de gêneros, não sendo necessariamente uma crítica ao conceito de gênero em si ou ao autor da teoria.

Figura 3: Exemplo 1


Think about it!

Por que é comum usarmos termos em inglês na língua portuguesa? Como você avalia o uso de palavras em inglês que tenham equivalentes em nosso idioma? Você acredita que a valorização da língua inglesa e da cultura estrangeira pode ocupar espaços de expressão da cultura brasileira?

3 Em 2013, *selfie* foi considerada uma palavra internacional e passou a constar em dicionários. Leia a tirinha abaixo e tente explicar, com suas palavras, o significado da palavra *selfie*. Em sua opinião, Jon conseguiu tirar uma *selfie*?

marcas e produtos. Respostas pessoais.

Sugestão de resposta: *Selfie* é uma fotografia que a pessoa tira de si própria, geralmente com um *smartphone*. Quando esse tipo de foto começou a se popularizar, a *selfie* costumava ser individual. Com o tempo, as *selfies* com mais de uma pessoa passaram a ser mais comuns. Para Jon, uma *selfie* deve ser uma foto de si mesmo sem acompanhantes. Embora ele quisesse tirar uma *selfie* individual, acabou tirando uma *selfie* em grupo, porque Garfield e os outros animais se juntaram a ele para aparecer na foto.



Available at: <<http://garfield.com/comic/2014-01-26>>. Accessed on: November 27, 2017.

Fonte: *Way to English for Brazilian Learners* - 6º Ano, 2018, p 11.

O hibridismo e a sequencialidade dos quadrinhos podem ser observados no exemplo da FIG.3 na influência dos signos simplificados de iconografia. As compleições faciais exageradas, mas simplificadas demonstram de forma direta a resposta dos personagens à situação (McCloud, 1993). A mudança dessas expressões, e até apagamento delas, exceto pelos olhos, de quadro a quadro, exprime por completude a passagem de tempo e a mudança de humor do personagem inicial. Além disso, a escolha do enquadramento, que muda apenas no último quadro, revelando o *smartphone*, é o que cria o “*punchline*” da piada, resignificando os quatro anteriores como aquilo capturado pela própria câmera, adicionando significado visual do apagamento do rosto do personagem original.

Na FIG.3, a atividade gira em torno do estrangeirismo da palavra *selfie*; o quadrinho deve auxiliar o aluno a expressar o significado de uma *selfie* e opinar se o personagem foi ou

não capaz de tirar uma. A resposta sugerida em cor de rosa pelo manual do professor apresenta uma definição de *selfie* que não tem relação direta com o quadrinho. Entretanto, o uso do enquadramento do quadrinho expressa aquilo que a atividade busca. A compreensão do conceito de uma *selfie* a partir do quadrinho depende da interpretação dos signos visuais descritos e o próprio texto no quadro final se apoia na construção semântica realizada sem texto escrito anteriormente.

Quanto ao sucesso ou a falha em tirar uma *selfie*, parte da interpretação está no sarcasmo da fala do personagem, porém esse sarcasmo necessita novamente da significação que o precede. A partir da mudança no desenho deles, novamente por completude, imagina-se a mudança de outras linhas agora ocultadas. A linha da boca provavelmente expressa um descontentamento. Ainda que o texto fosse exatamente o mesmo, o sentido poderia ser alterado meramente pelos elementos visuais (McCloud, 1993). Se Jon mantivesse uma expressão positiva, o leitor seria levado a crer que ele obteve sucesso em tirar a selfie, pois a falta de um dos elementos do sarcasmo implicaria na mudança de seu conceito de selfie. A fala não seria uma reclamação, mas sim uma afirmação amigável de um personagem aos outros.

Figura 4: Exemplo 2

Past Continuous or Past Simple?

Read the two comic strips below and do exercises 6-9 in your notebook.

Comic strip 1

© 2014 Jim Diet. by Andrews McMeel Syndication

Today I was walking around outside.

I was waiting to cross a busy street when I noticed a particular car go by.

It had a bunch of people in it waving wildly at me.

But I didn't recognize them or anything.

JIM'S JOURNAL. Available at: <www.gocomics.com/jimsjournal/2014/04/18>. Accessed on: July 3, 2018.

Comic strip 2

© 2014 Jim Diet. by Andrews McMeel Syndication

Today I decided to vacuum my floor.

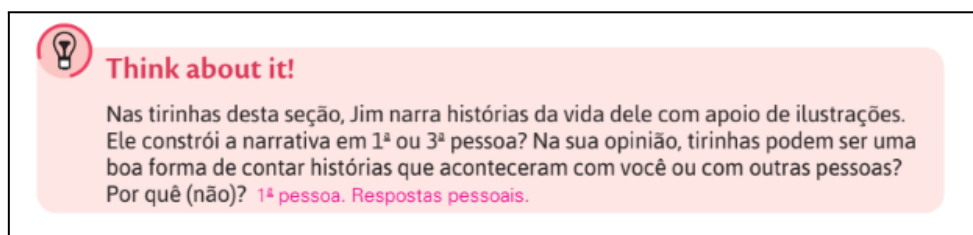
Mr. Peterson hid under the table and watched the vacuum cleaner intently.

When I headed toward her, she got scared and ran away.

JIM'S JOURNAL. Available at: <www.gocomics.com/jimsjournal/2014/03/04>. Accessed on: July 3, 2018.

Fonte: *Way to English for Brazilian Learners – 7º Ano*, 2018, p 136.

Figura 5: Exemplo 3



Fonte: *Way to English for Brazilian Learners – 7º Ano*, 2018, p. 137.

Os quadrinhos da FIG. 4 se destacam em particular por causa do seu estilo iconográfico. Retomando o espectro proposto por McLoud (1993), percebe-se um nível maior de abstração no tracejado, algo como um amadorismo proposital. Isso por si só carrega toda a obra de um sentido atmosférico conceitual. A falta de expressividade do personagem principal, somada à falta de cor e de detalhes no cenário, dão ao quadrinho uma sensação de apatia, monotonia. De forma coesa, a fonte utilizada na escrita parece escrita à mão, integrada ao desenho sem muito rodeio, e faz alusão a um diário, similar ao que faz Jeff Kinney na série “Diário de um Banana”. As ações descritas em si parecem ser pouco importantes e, por causa da significação imagética, passam uma ideia de tédio do cotidiano, narradas como memórias.


Isso, por sua vez, afeta a passagem de tempo. Os exemplos das FIG.3 e 4 são ambos estáticos, porém existe uma sensação de que o tempo passa mais devagar no segundo exemplo, ele soa mais “arrastado”. O enquadramento soma novamente ao significado geral. O início das tiras com a visão de um observador, mudando para a visão do próprio personagem sobre o evento descrito e retornando à visão do observador ao final, cria a noção de uma rápida visita a uma memória sem importância, trazendo uma certa melancolia à narrativa de um cotidiano monótono.

Na FIG. 5, em cor de rosa, o livro expressamente limita a resposta para a pergunta sobre em que pessoa a narrativa está construída, neste caso, à primeira pessoa – algo que indubitavelmente está correto de acordo com os dizeres do personagem. Entretanto, os quadros contêm o personagem em si sendo observado pelo leitor, possibilitando a interpretação deles como narrados na terceira pessoa. Ademais, a simplicidade cotidiana expressada pelo tracejado simples e o estilo amador proposital são fatores que influenciam na

percepção favorável ou desfavorável dos alunos dos quadrinhos como uma boa forma de contar histórias (McLoud, 1993).

Figura 6: Exemplo 4

2 Read the comic strip below and choose the correct item (▲ or ■) that answers each question that follows. Write the answers in your notebook.



Available at: <<https://garfield.com/comic/1978/09/13>>. Accessed on: August 8, 2018.

a. How much lasagna does Jon give Garfield?
 ▲ Very much. ■ Not much. x

b. Is the word **lasagna** a countable or uncountable noun?
 ▲ A countable noun. ■ An uncountable noun. x

c. What does the quantifier **some** refer to?
 ▲ A definite quantity. ■ An indefinite quantity. x

Fonte: *Way to English for Brazilian Learners* - 8º Ano, 2018, p 158.

Na FIG.6, a construção semântica sustenta-se numa quebra presente no segundo quadro. Nos três quadros, a onomatopeia “purrrr” indica o ronronar do gato; entretanto, no primeiro e terceiro quadros, ela é grafada com um texto menor, com apenas um indicativo sutil que o atribui ao gato e ele soa quase como um som ambiente. No segundo quadro, a grafia está muito mais forte, com linhas de movimento e acompanhada de um ponto de exclamação, contida num enorme balão de fala atribuído de forma muito mais agressiva ao gato. Isso gera não apenas a noção de que o ronronar foi mais alto, mas também muito mais intencional, transformando-o numa interjeição sarcástica pedindo comida (Eisner, 1990).

Além disso, novamente a iconografia torna-se importante quando a mudança de expressão dos personagens infere diretamente no significado. No segundo quadro, a expressão irritada do gato indica um descontentamento com o homem por não perceber a sutileza do ronronar inicial. Ele é desenhado com ambas as mãos contra a mesa em sinal de protesto e com as orelhas para trás indicando que está arisco. O homem, por sua vez, é desenhado com um olhar vazio e um leve sorriso no primeiro quadro e, depois, com olhos esbugalhados e com sutis linhas de movimento no segundo quadro, indicando um susto. No

terceiro quadro, ele retorna a uma expressão vazia, mas agora sem o leve sorriso, indicando um descontentamento que é superado pela conformidade.

Aqui a tirinha surge como um exemplo de uso de quantificadores, porém novamente elementos não textuais como a diferente grafia do “**PURRR!**”, no segundo quadrinho, e as expressões de Jon e Garfield não são levadas em conta pela atividade, ainda que sejam essenciais para a compreensão do sentido (Eisner, 1990). A resposta correta da questão “a.”, por exemplo, sugere que a quantidade de lasanha dada a Garfield é “*Not much*”, mas na imagem vê-se um prato cheio de lasanha que parece ser o suficiente para Garfield, conhecido por ser gordo e comer muita lasanha. Por esses fatores, a fala pode ser novamente um exemplo de sarcasmo, algo comum para o autor, e que já foi observado anteriormente.

Todas essas tirinhas têm, ainda, questões relacionadas à marcação de tempo, ao uso de cor, ao uso da sarjeta e à forma como a iconografia é trabalhada dentro da subjetividade do autor e que não são abordadas pelas atividades. Todos esses elementos adicionam ao sentido geral de cada tirinha, e é pela junção deles que se reconhecem as obras como quadrinhos.

Estes exemplos nos mostram, portanto, que ainda que se insiram no livro didático a fim de refletir situações reais de uso da língua, os quadrinhos não são validados como mídia. Existem concepções um tanto elitistas a respeito de quais leituras são consideradas valiosas no aprendizado e quadrinhos não estão entre elas. Ainda assim, eles são utilizados para construir, com auxílios extraliterários, a capacidade de compreender as abstrações da língua escrita, agora para a leitura de outros objetos. O trabalho com multimodalidade é portanto cerceado por uma concepção grafocêntrica do próprio conceito de leitura. O status de “ferramenta” dos quadrinhos, por extensão, se aplica também à multimodalidade demonstrando um descompasso entre a teoria dos multiletramentos e a sua adoção nos LDs.

Isso se reflete na variedade de formatos abordados. Tirinha é o único formato de quadrinhos sob o qual as atividades se debruçam de forma específica. Com isso, o caráter de “uso real da língua” sob a qual os quadrinhos surgem se perde. A linguagem dos quadrinhos é utilizada de forma plural e varia muito com o formato. Focar todo o trabalho em apenas um deles cerceia as múltiplas possibilidades de interação dos alunos com a mídia. Este fato, somado à diminuição dos quadrinhos com o avanço das etapas de ensino, reforça a tese de que eles são ferramentas e não objetos de estudo. Um reflexo do uso real da língua envolvendo quadrinhos poderia ser, por exemplo, o trabalho com uma *graphic novel* ou com *webcomic* mais complexa, acompanhando a maturidade dos alunos nas etapas finais.

Ao mesmo tempo, o “uso real da língua” presente nos quadrinhos é cada vez mais ressonante com o público geral. Quadrinhos são, hoje, presentes tanto de forma direta –

através de outras formas de arte sequencial, como os memes, *graphic novels*, ou revistas em quadrinhos que surgem no livro, mas não são exploradas (FIG. 7 e 8) – quanto de forma indireta – através de adaptações de quadrinhos para outras mídias que o livro chega a mencionar, mas, novamente, não explora (FIG. 9 e 10).

Figura 7: Exemplo 5



Fonte: *Way to English for Brazilian Learners - 7º*
Ano, 2018, p. 129.

Figura 8: Exemplo 6

Capitão América (*Captain America*, em inglês) é o alter ego de Steve Rogers, um personagem de HQ (história em quadrinhos) da *Marvel Comics*. Foi criado por Joe Simon e Jack Kirby, apareceu pela primeira vez em *Captain America Comics #1* (dezembro de 1940).

Fonte: *Way to English for Brazilian Learners - 7º*
Ano, 2018, p. 129

Figura 9: Exemplo 7

Book Genres

My favorite book genre is **★**
Personal answer.

Fonte: *Way to English for Brazilian Learners 8º*
Ano, 2018, p. 218.

Figura 10: Exemplo 8

6 Kinds of Movies

Fonte: *Way to English for Brazilian Learners 9º*
Ano, 2018, p. 221.

Quando surge no livro um personagem como o Super-Homem ou como o Capitão América, essa aparição é precedida por um imaginário comum sobre esses personagens. Existe atualmente uma relevância inerente a eles, pois fazem parte da cultura contemporânea, tanto no contexto brasileiro – que é hoje um dos maiores consumidores dessa cultura, como nos mostram eventos como a *Comic Con Experience* – quanto na interface com a cultura de língua inglesa, na qual eles são originalmente produzidos. Nesse contexto, não se aprofundar em aparições como estas para expandir a visão crítica dos alunos reduz consideravelmente as inúmeras possibilidades dos quadrinhos. Com isso, apesar de parecer que não haja uma intencionalidade na desvalorização dos quadrinhos, ela ocorre.

Considerações Finais

Atualmente existe um contexto geral de crescimento dos quadrinhos, que se tornam cada vez mais populares e influentes no mundo contemporâneo. Historicamente, entretanto, existem duras críticas a essa mídia. Quadrinhos já foram descritos como um agente de alienação capitalista, uma forma narrativa extremamente limitada, ou como um fenômeno de delinquência juvenil. Por outro lado, a Teoria dos Quadrinhos (Eisner, 1990; McCloud, 1993) descreve-os como um meio artístico único e com inúmeras possibilidades contidas dentro de seus elementos híbridos e sequenciais.

Na educação, os quadrinhos figuram em diversas áreas do conhecimento. Nas linguagens, segundo a BNCC e os LDs analisados, os quadrinhos são compreendidos dentro de uma teia que liga gêneros textuais à multimodalidade de Kress (2000, 2005, 2006, 2010) e Kress e Johnson (2003). Na disciplina de língua portuguesa, essa multimodalidade é, entretanto, subutilizada em favor de uma abordagem mais gramática-estrutural em atividades de LDs (Cani, 2019; Menezes; Andrade, 2016).

Na disciplina de língua inglesa, os dados gerados por este estudo nos mostram um panorama bastante similar. Os quadrinhos surgem, em um único formato, como uma ferramenta para chamar a atenção e facilitar uma interpretação que prioriza a modalidade escrita, e pouco se aprofunda nos significados híbridos e sequenciais que são o cerne da criação de significado nos quadrinhos. Ademais, ao observar a progressão desse uso ao longo das etapas de ensino, a diminuição na utilização de quadrinhos indica uma lógica etarista por trás de seu uso, que, por sua vez, se soma às críticas do início do século XX para um olhar estigmatizado dos quadrinhos, o que McCloud (1990) chama de baixa autoestima.

Nos livros analisados, os quadrinhos são considerados mais um dos gêneros do discurso utilizados superficial e unicamente para o trabalho gramatical e de compreensão textual da língua inglesa, pouco refletindo-se sobre o que os torna únicos e menos ainda desenvolvendo a leitura multimodal dos alunos. Eles se tornam ferramentas que contribuem para uma reflexão que lhes é externa. Seu uso visa a compreensão da língua através dos quadrinhos, mas não a compreensão dos quadrinhos em si. A teoria que os ampara nos LDs descreve o fenômeno da linguagem do qual os quadrinhos fazem parte, mas parece ser insuficiente para compreendê-los e apresentá-los aos alunos como um fenômeno artístico, contribuindo para a desvalorização dessa mídia.

Importante se faz, contudo, ressaltar as limitações deste estudo, sendo elas principalmente o escopo de análise reduzido, visto que se trata de um estudo de caso que contempla duas coleções de livros didáticos para a Educação Básica, e o panorama limitado, uma vez que o livro didático é apenas um dos vários materiais e recursos didáticos presentes num ambiente de ensino. Ademais, a análise do material desconsidera o trabalho que os professores desta disciplina podem fazer com seus alunos a depender de seu tempo, recursos e conhecimento especializado sobre o tema.

Diante do exposto, urge a reflexão sobre os quadrinhos como uma leitura tão válida quanto qualquer outra. Sendo uma mídia híbrida e sequencial, é necessário que o trabalho com os quadrinhos leve em conta o hibridismo e a sequencialidade em variados formatos e em variados momentos do aprendizado. A Teoria dos Quadrinhos, portanto, mostra-se potente e aponta para uma prática docente eficaz no que diz respeito à reflexão sobre os quadrinhos em sala de aula. Por isso, merece espaço na formação docente e no trabalho em sala de aula como um aporte que amplia o trabalho com gêneros e que potencializa a compreensão multimodal que o sistema de educação busca.

Os quadrinhos podem ter um papel muito proveitoso como uma útil ferramenta no aprendizado, mas não devemos percebê-los como apenas isso. Quadrinhos são uma fértil forma de arte que deve ser trabalhada como tal para que ambos professores e alunos possam apreciar, entender, valorizar e ensinar com quadrinhos.

Referências

ADORNO, Theodoro. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADRIANO, Geisy; DARIN, Leila. A tradução intersemiótica de Hamlet para os quadrinhos: o solilóquio "ser ou não ser". **Tradterm**, [S.L.], v. 31, p. 25-53, 2 abr. 2018. Universidade de

São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v31i0p25-53>.

ALMEIDA, Ricardo Luiz Teixeira de. **Moderna Plus**: inglês. São Paulo: Moderna, 2020.
Volume Único - Ensino Médio.

ARAÚJO, Alda Cristina de Ananias; AQUINO, Cláudia Maria Sabóia de. Recursos didáticos não convencionais no ensino de Geografia: práticas para o ensino de geologia e geomorfologia. **Boletim de Geografia**, [S.L.], v. 40, p. 297-315, 18 jan. 2023. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/bolgeogr.v40.a2022.e63017>.

ARAÚJO, Roberto Pinheiro; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco. Piteco e as estratégias de leitura: um diálogo entre o estudo da língua e a filosofia. **Letras & Letras**, [S.L.], v. 32, n. 2, p. 286-313, 15 mar. 2017. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
<http://dx.doi.org/10.14393/ll63-v32n2a2016-14>.

ARCURI, Mariana Conde Moraes. Literatura em quadrinhos hoje. **Revista Soletras**, [S.L.], v. 26, n. 26, p. 237-250, 7 fev. 2014. Universidade de Estado do Rio de Janeiro.
<http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2013.7615>.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BAKHTIN, M. M. Speech Genres and Other Late Essays. Austin: University of Texas Press, 1986

BARI, V. A.; VERGUEIRO, W. C. S. As histórias em quadrinhos para a formação de leitores ecléticos: algumas reflexões com base em depoimentos universitários. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 13, p. 15-24, jan./abr. 2007. Disponível em:
<<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ced/v12n1/v12n1a03.pdf>>.

BARROS, Rafael Moura da Silva; LIMA, Jaqueline Rabelo de; CARDOSO, Nilson de Souza; SILVA, Jonas Luiz Almada da. Microbiologia em quadrinhos. **Alexandria**: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 3-36, 16 maio 2022. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1982-5153.2022.e75793>.

BAZERMAN, C. Gênero, agência e escrita. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CAMARGO, Susan Caroline; RIVELINI-SILVA, Angélica Cristina. Histórias em quadrinhos no ensino de ciências: um olhar sobre o que foi produzido nos últimos doze anos no eneq e enpec. **Actio**: Docência em Ciências, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 133-150, 12 dez. 2017. Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
<http://dx.doi.org/10.3895/actio.v2n3.6818>.

CANGUÇU, Claudineia Pereira; KORBES, Lenita Maria. O incentivo da leitura por meio de histórias em quadrinhos. **Eventos Pedagógicos**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 50-60, 7 jul. 2011. Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT.
<http://dx.doi.org/10.30681/rebs.v2i1.8937>.

CANI, Josiane Brunetti. A didatização de gêneros multimodais: práticas de leitura das histórias em quadrinhos em livros didáticos de língua portuguesa. **The Specialist**, [S.L.], v. 40, n. 1, p. 1-23, 8 jul. 2019. Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/2318-7115.2019v40i1a4>.

CALDAS, Carlos. Influência da Bíblia na cultura pop: leitura do simbolismo e da linguagem bíblica na HQ a queda de murdock de frank miller e david mazzucchelli. **Revista de Cultura Teológica**, [S.L.], n. 95, p. 65-86, 13 maio 2020. Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/rct.i95.47082>.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2000.

CRUZ, Anderson Luciano; CRUZ, Paulo Henrique Pinheiro Barbosa. RELIGIOSIDADE, LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO: considerações sobre os aspectos religiosos presentes na capa do romance gráfico reino do amanhã. **Teoliterária - Revista de Literaturas e Teologias**, [S.L.], v. 9, n. 19, p. 40-64, 16 dez. 2019. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/2236-9937.2019v19p40-64>.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

EISNER, Will. **Comics And Sequential Art**. 6. ed. Tamarac: Poorhouse Press, 1990.

FRANCO, Claudio de Paiva; TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. **Way to English: for brazilian learners**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2018. (1). 6º ano.

FRANCO, Claudio de Paiva; TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. **Way to English: for brazilian learners**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2018. (2). 7º ano.

FRANCO, Claudio de Paiva. **Way to English: for brazilian learners**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2018. (3). 8º ano.

FRANCO, Claudio de Paiva. **Way to English: for brazilian learners**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2018. (4). 9º ano.

HASTINGS, Christopher, GURIHURU. **The Unbelievable Gwenpool**. 2. ed. Nova York: Marvel Comics, 2016.

JOHNSON, David; KRESS, Gunther. Globalisation, Literacy and Society: redesigning pedagogy and assessment. **Assessment In Education: Principles, Policy & Practice**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 5-14, mar. 2003. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09695940301697>.

KRESS, Gunther. Gains and losses: new forms of texts, knowledge, and learning. **Computers And Composition**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 5-22, jan. 2005. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.compcom.2004.12.004>.

KRESS, Gunther; HENDRIKSEN, Berit. What is a Mode.MODE, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kJ2gz_OQHhI&list=PLtz0u7lATyylsA_xvTjgJxzaTUfGze7MT&index=2

KRESS, Gunther; HENDRIKSEN, Berit. What is a Multimodality .MODE, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nt5wPIhhDDU&list=PLtz0u7lATyylsA_xvTjgJxzaTUfGze7MT&index=4

KRESS, Gunther. Multimodality: challenges to thinking about language. **Tesol Quarterly**, [S.L.], v. 34, n. 2, p. 337-340, 2000. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/3587959>.

LIMA, Christiano Barbosa Porto; ALVES, Paula Trajano de Araújo; JUCÁ, Sandro César Silveira; SILVA, Solonildo Almeida da. Ensinando com imagens: a comunicação visual como ferramenta de ensino-aprendizagem no livro didático de filosofia adotado nos cursos integrados do ifce. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 9, n. 7, p. e700974518, 7 jun. 2020. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4518>.

MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MCCLOUD, Scott. **Understanding Comics: THE INVISIBLE ART**. Nova Iorque: Harper Collins, 1993.

MENEZES, Tadna Simone Azevedo Ralile; ANDRADE, Nair Floresta. Quando da tira pouco se tira. O uso da tira no livro didático de Língua Portuguesa: possibilidades e entraves. **Letras & Letras**, [S.L.], v. 32, n. 4, p. 189-209, 31 dez. 2016. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/ll63-v32n4a2016-9>.

NAVAS, Diana; ALMEIDA, Luara Teixeira de. Palavras e imagens literárias: aproximações entre histórias em quadrinhos e livros ilustrados. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. e63806, 2024. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2176-4573p63806>.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Narrativas históricas e representações de identidade nos quadrinhos O que é o Brasil (2005). **Revista Intersaberes**, [S.L.], v. 15, n. 36, p. 963-987, 10 nov. 2020. Revista Intersaberes. <http://dx.doi.org/10.22169/revint.v15i36.2013>.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ-MESTRE, Joaquim; ROJO, Roxane Helena Rodrigues; CORDEIRO, Glaís Sales. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Adriano Clayton da. A tradução intersemiótica de Jakobson revisitada e uma pequena análise dos quadrinhos de Asterix. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S.L.], v. 47, n. 2, p. 602-614, 17 out. 2018. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. <http://dx.doi.org/10.21165/el.v47i2.1953>.

SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa da; VIEIRA, Leylianne Alves. Traços de memórias da ditadura militar. **Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 126-143, 22 dez. 2023. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. <http://dx.doi.org/10.25200/slj.v12.n2.2023.571>.

VYGOTSKY, LS. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WERTHAM, Frederic. **Seduction Of The Innocent: The Influence Of Comic Books On Today's Youth**. 2. ed. Nova Iorque e Toronto: Rinehart & Company, Inc, 1954.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes *et al.* Entre nós. **Revista Arqueologia Pública**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 205-228, 28 jun. 2021. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/rap.v16i1.8663912>.

YAMAGUTI, Vanessa. AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS EM QUADRINHOS SELECIONADAS PELO PNBE: soluções e problemas na sala de aula. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 441-459, 31 maio 2014. Universidade Federal de Sao Paulo. <http://dx.doi.org/10.34024/olhares.2014.v2.164>.